



NUDISS

**I Seminário Nacional Infância,  
Juventude e os Direitos Humanos no Brasil**  
Niterói (RJ, Brasil), 10 a 12 de setembro de 2025

## **Existe cuidado para quem cuida? a experiência de mães-cuidadoras**

### **Is there care for those who care? Adolescents with disabilities and care**

**Aristela Vieira de Sousa<sup>1</sup>**

**Eixo Temático:** Gênero, sexualidade e violência doméstica.

#### **Introdução**

A temática do cuidado na contemporaneidade vem ganhando contornos tanto em seu arcabouço teórico quanto na cena político-econômica. No âmbito teórico, por ser um conceito polissêmico, ou seja, fluído em suas definições, o cuidado pode ser definido sob múltiplos aspectos, desde o preparo de uma refeição, da vigilância protetiva para com um bebê, da responsabilidade de oferecer medicamentos necessários à saúde de uma pessoa idosa, entre outras formas de cuidado com o outro (Hirata, 2022). Dessa forma, o cuidado se configura como um dispêndio de energia vital em função do outro, tendo rebatimentos no campo prático, ou seja, na ação de cuidar, e no campo dos afetos, no que diz respeito às subjetividades. Por essa definição, o cuidado é definido como um trabalho não remunerado, mistificado que esconde em sua gênese, a produção de mais-valor (Kergoat, 2016).

Em relação aos aspectos políticos e econômicos os dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua (PNAD – Contínua) em 2022, demonstra que as mulheres, sobretudo mulheres negras, gastam 21,3 horas semanais nas atividades domésticas, enquanto homens totalizam um percentual de 11,7 horas semanais em atividades domésticas, o que evidencia uma redução de 9,6 horas semanais em comparação ao percentual feminino. Sendo as maiores provedoras do cuidado, quem cuida de quem realiza o cuidado?

A pesquisa faz parte do Trabalho de Conclusão de Residência (TCR)<sup>2</sup> da autora e tem por

---

<sup>1</sup> Graduada em Serviço Social (UFES). Especialista em Serviço Social e Saúde – modalidade residência (UERJ). Mestra em Serviço Social (UFRJ). Doutoranda em Serviço Social (PUC-Rio). Pesquisadora do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas e Estudos Socioambientais e Urbanos (GRIPES).

<sup>2</sup> Essa pesquisa teve por objetivo discutir como o trabalho do cuidado impacta nas condições socioeconômicas e de trabalho das famílias monoparentais femininas de adolescentes com deficiência atendidos pelo serviço social NESA, no

Núcleo de Extensão e Pesquisa em Direitos Humanos, Infância, Juventude e Serviço Social (NUDISS)

Escola de Serviço Social – Universidade Federal Fluminense

Rua Alexandre Moura, 08- Bloco E- Sala 416. Campus Gragoatá. São Domingos – Niterói, RJ

CEP.: 24210-201. Email: [nudiss.ssn.ess@id.uff.br](mailto:nudiss.ssn.ess@id.uff.br). Página: <https://www.instagram.com/nudissuff/>

objetivo discutir de que forma as mulheres-mães cuidadoras de adolescentes com deficiência atendidos pelo Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente (NESA), vinculado ao complexo hospitalar da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) conseguem exercer o autocuidado, expressarem seus interesses individuais e cuidarem da própria saúde, sendo as principais cuidadoras de seus filhos.

A pesquisa parte do referencial teórico crítico dialético. O tipo de abordagem adotada nesta investigação é a quanti-qualitativa. A pesquisa contou com observação simples, além de entrevista semiestruturadas com as cuidadoras dos adolescentes. O anonimato foi garantido através de pseudônimos. A pesquisa seguiu os princípios da Resolução nº 510/16 e 196/96 e foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do HUPE/UERJ com sua aprovação em 01 de setembro de 2023, sob o parecer de número 71057823.3.0000.5259

## **Desenvolvimento**

No que diz respeito ao autocuidado, ou seja, se elas têm sido objeto de cuidado em algum momento para si mesmas, a resposta foi unânime: não há tempo, pois a demanda de cuidar do outro ocupa todas as instâncias da vida. Ao ser indagada, a interlocutora E4 relatou: *“Como assim [cuidado]? Molha o cabelo, faz um coque e bota a roupa que aparecer e vamos embora. É o que dá”*.

A perda de si pode significar um apagamento consubstancial de suas histórias, quando se perde o pertencimento da sua própria narrativa e dos interesses que existiam antes de se dedicar integralmente a este cuidado. Enquanto seres sociais, temos na experiência da sociabilidade condição fundamental de sobrevivência, pois é a partir dela que se é gerada nossa individualidade (Lukács, 2018). A subsunção de seu tempo de vida para o tempo do cuidado do filho tira de cena várias formas de exercer esse autocuidado de forma simples no cotidiano. Em relação a isso, a entrevista E7 respondeu: *“Eu de mim? Eu não cuido de mim não. Não existe cuidados, não tem, não tem como cuidar”*.

A saúde, segundo as interlocutoras, tem sido cada vez mais negligenciada, na medida em que

---

período de 2020 a 2023. Foram elaborados onze (11) eixos de análise, sendo eles: cuidado com o filho com e sem deficiência, dificuldades, tempo de trabalho, a mediação com o genitor, a feminilização do cuidado, o cuidado como trabalho, mercado de trabalho, autocuidado, interesses individuais e saúde. Para os fins deste artigo, foram utilizados os seguintes eixos: autocuidado, interesses individuais e saúde.



NUDISS

**I Seminário Nacional Infância,  
Juventude e os Direitos Humanos no Brasil**  
Niterói (RJ, Brasil), 10 a 12 de setembro de 2025

exercer a função de cuidado ocupa o centro das relações estabelecidas no lar. Ao serem questionadas sobre os cuidados em saúde, a interlocutora E4 respondeu: *“É, tá ficando para depois. Já perdi várias consultas minhas, e eu tô precisando. Nem aquele preventivo”*

É um processo contraditório, cruel e circular em sua essência, pois ao não realizar o cuidado de si para não faltar com o cuidado do outro, você fragiliza a sua saúde a um ponto que precisa de cuidados para se tornar inevitável. Ao mesmo tempo, a preocupação gerada em faltar em algum momento da vida para o filho, gera um sofrimento mental, para além das questões apresentadas fisicamente.

### **Considerações Finais**

Os dados evidenciam que o trabalho do cuidado é extenuante, convergindo com a própria vida pessoal. A saúde das cuidadoras não é objeto de intervenção e preocupação. Não existem subsídios para essas mulheres, como rede de apoio, atendimento sócio territorial e recursos financeiros para exercer esse trabalho.

Por fim, foi possível apreender que entre as divergências e convergências da apreensão do trabalho do cuidado por parte das interlocutoras, o denominador em comum é que ele se configura como uma relação solitária, difícil e pesada, impactando todos os aspectos da vida, e que se torna mistificada, pelo manto das obrigações morais a serem seguidas por uma mulher que é cuidado e mãe.

### **Referências Bibliográficas**

Hirata H. **O cuidado**: teorias e práticas. Boitempo; 2022.

Kergoat, D. O cuidado e a imbricação das relações sociais. In: Abreu A. R. P.; Hirata, H.; Lombardi, M. R. **Gênero e trabalho no Brasil e na França**: perspectivas interseccionais. São Paulo: Boitempo, 2016.

Lukács G. **Para a Ontologia do Ser Social**, Vol. 14. Maceió: Coletivo Veredas. 2018.